

O NACIONAL-POPULISMO E A DEMOCRACIA DO SÉCULO XXI

THE NATIONAL-POPULISM AND THE 21ST CENTURY DEMOCRACY

Por Marllon Alves de O. S. Silva e Victória Conceição Correa Tavares da Silva

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar a ascensão e as particularidades do nacional-populismo no século XXI, dando enfoque para a necessidade de reformulação da democracia liberal. Para isso, serão observados casos específicos em que se nota a presença de características centrais da ferramenta política populista, assim como as articulações de líderes e conselheiros de extrema-direita que se estabelecem a partir das novas perspectivas da internet e do mundo hiperconectado.

Palavras-chave: Democracia. Populismo. Nacionalismo. Política. Internet. Fake News.

Abstract: The aim of this paper is to analyze the rise of national-populism and its peculiarities in the 21st century, focusing on the need for reformulation of liberal democracy. With this purpose, it will be observed specific cases in which it can be noted the presence of populists main features, as well as far right leaders and advisers articulations through the new perspectives given by internet and the hyperconnected world.

Keywords: Democracy. Populism. Nationalism. Politics. Internet. Fake News.

INTRODUÇÃO

O presente artigo não pretende ser algo além de uma análise de uma ideologia que ganhou notoriedade no século XXI. Segundo Roger Eatwell e Matthew Goodwin (2018, p. 3), em sua obra conjunta *National Populism: The Revolt Against Liberal Democracy*, o nacional-populismo é uma ideologia que prioriza a cultura e os interesses nacionais de um país e, igualmente, promete dar voz às pessoas que não se sentem representadas na política atual. Por conta disso, esse movimento vem desafiando cada vez mais a política *mainstream* ocidental, trazendo mudanças consideráveis em quadros políticos internacionais.

A América do Sul, por exemplo, vivenciou, a partir da década de 2010, um fenômeno conhecido como maré azul. Ele é compreendido como uma onda reacionária de governos à direita, que se instituiu logo após o desgaste dos governos à esquerda da onda rosa, devido a crises e escândalos de corrupção. No entanto, é interessante notar que o crescimento de

governos à direita não ficou restrito aos países sul-americanos, sendo possível verificar esse avanço em diversos outros.

A ascensão do nacional-populismo também está inserida dentro da expansão do ultraconservadorismo. Por conta disso, uma conjuntura que o rodeia é o aumento do número de países nos quais houve uma guinada à extrema-direita. Essa mudança em específico logra atenção para si. A alternância de espectros políticos em governos é algo comum ao mecanismo político democrático, entretanto, a chegada ao poder de espectros mais ao extremo, seja à esquerda ou à direita, pode suscitar preocupações como a radicalização política na sociedade.

Ainda de acordo com Eatwell e Goodwin (2018, p. 3), para entender a ascensão do nacional-populismo, e conseqüentemente as mudanças assistidas, é necessário compreender que as raízes dele estão em fatores de longo prazo que ganharam força durante décadas. É preciso acrescentar que eventualidades como o aumento do desemprego e da desigualdade global, a falta de segurança no âmbito público e privado, a crise migratória, assim como as crises econômicas, sociais e de corrupções que se desdobraram, também colaboraram para propiciar a expansão do mesmo.

Com o intuito de abordar mais sobre o nacional-populismo e compreender tanto as raízes de sua ascensão, quanto a relação e seus efeitos sobre a política democrática, este artigo encontra-se dividido em cinco tópicos os quais dissertam pautas relacionadas. No primeiro, serão pontuadas características da democracia liberal e alguns problemas que propiciam cada vez mais a descrença nas instituições da mesma. No segundo tópico será abordado como a internet e a globalização viabilizam a articulação e ampliação do nacional-populismo a partir da influência do ex-assessor estratégico de Donald Trump, o marqueteiro Steve Bannon.

Já no terceiro e no quarto tópico o foco estará sobre dois eventos que surpreenderam o mundo: a campanha Brexit e as eleições estadunidenses. Nestes dois itens serão desenvolvidos igualmente assuntos como *fake news*, a crise migratória e a recessão econômica pós-2008. Por fim, no quinto e último tópico, será tratado a eleição brasileira de 2018 e a influência do nacional-populismo na nova política brasileira. Todos esses temas contribuirão para o desenvolvimento do objetivo principal deste trabalho: demonstrar, através do nacional-populismo, que a democracia liberal precisa se reformular.

A CRISE DEMOCRÁTICA E O NACIONAL-POPULISMO

Desde a sua origem a democracia vive em um processo de transformação e, como consequência, é praticamente impossível determinar um significado para a mesma sem que antes se estabeleça um contexto histórico de uma sociedade, analisando como o regime e a participação cidadã se relacionam neste cenário (MONICA, 2016, p. 20)¹. Hodiernamente, os países democráticos vivem um regime político liberal, e para compreender mais sobre este é preciso salientar que o mesmo é, a certo modo, fruto das revoluções que golpearam o Anti-

1 MONICA, E. F. **Entre Direitos Fundamentais e Democracia**: Superando a dicotomia no direito brasileiro. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2016.

go Regime durante os séculos XVII e XVIII, trazendo, assim, grande impacto do iluminismo e do liberalismo em sua composição política.

Com essas influências, o conceito de democracia passou a se relacionar com as noções de liberdade, racionalidade, igualdade e representatividade. Assim, diferentemente do regime ateniense, no qual o status de cidadão era conferido a parcela determinada da população, o regime se aperfeiçoaria enquanto governo do povo, incorporando os indivíduos como cidadãos e participantes políticos, independentemente de cor, credo, etnia e gênero, e a partir de representantes. No entanto, a democracia liberal atingiu expressividade somente após as duas guerras mundiais as quais marcaram o início da nova ordem internacional e proporcionaram a propagação do regime. A razão para tal vem da teoria da paz democrática, a qual profere que os países democráticos tendem a não entrar em conflitos bélicos entre si.

Atualmente, o regime vem demonstrando viver uma crise através de sinais como fortes polarizações políticas, ressurgimento de grupos radicais, queda de partidos tradicionais e ascensão de outros no extremo do espectro. Os motivos são demasiadamente complexos, mas para compreendê-los é necessário considerar uma das principais causas: o modo de vida e o mundo se transformaram com o avanço tecnológico, enquanto a democracia liberal ainda não se adaptou para tais mudanças.

Para Eatwell e Goodwin (2018, p. 9-12), a explicação para tal crise está relacionada com os quatro “Ds”, que são tendências que vêm ocorrendo no regime. Juntos eles viabilizaram um espaço considerável para o que chamam de “*pool of potential*”: um ambiente no qual se encontra um número grande de pessoas que sentem que não possuem voz na nova conjuntura política, que as mudanças do mundo multinacionalizado ameaçam suas culturas e modo de vida, e por isso não se identificam com os partidos e nem com os políticos do status quo. A sensação de abandono deixada é preenchida pelo nacional-populismo, que seria uma revolta estruturada contra a atual forma da democracia liberal. Assim, os quatro “Ds” indicariam também as raízes da ascensão dessa ideologia. Sobre essas quatro mudanças desenvolvidas pelos autores, Rodrigo Constantino (2019) sintetizou em uma resenha:

[...] os quatro “Ds” que estariam por trás desse sentimento profundo diante de mudanças radicais: a descrença no elitismo da democracia liberal; a destruição da identidade nacional promovida pela imigração desenfreada; a desigualdade criada pela globalização, mais no sentido de uma privação relativa e da perda da crença em um futuro melhor; e o desalinhamento entre partidos e eleitores.

Concomitantemente às transformações vividas em uma era intensamente globalizada entre as nações, de hiperconectividade e adesão de pautas mais progressistas, um ambiente de descontentamento e descrédito ganhou espaço entre os que não simpatizam com essas novas políticas. Esta situação, junto com escândalos de corrupção e crises, é favorável para *outsiders* do sistema político prometerem melhorias, ainda que através de discursos anti-sistêmicos. Além disso, a performance da estrutura democrática depende da fé em suas instituições, e quando estas não funcionam devidamente, ou estão descoladas da realidade social, surgem fissuras que atrapalham o desempenho do regime, e, assim, agregam ao des-

contentamento. Os quatro “Ds”, deste modo, seriam inclusive indicativos de que o regime tem falhado nestes aspectos com as pessoas que se encontram no “*pool of potential*”.

Em um cenário no qual a política *mainstream* se tornou instável, seja por meio da dissintonia entre governantes e governados, partidos e eleitores, ou por aparentar haver se convertido em corrupta e elitista, o nacional-populismo se torna uma alternativa viável para aqueles que não se identificam com o *establishment*, pois apresenta um discurso atrativo que tem por base a ideia de diálogo com o povo, propondo dar voz a essas pessoas que não se sentem representadas. Essa é uma marca específica do populismo, e um líder a estabelece a partir da construção de uma imagem carismática. Falar, determinar e moderar em nome do povo são outras características dessa forma de governar multifacetada. Assim, o político populista busca consolidar a ideia de que é o único representante da vontade popular.

Segundo Cas Mudde (2017 apud CRAVO, 2017), o modo populista tradicional de se governar retrata a ideia de que a sociedade se divide estruturalmente em um povo simples e uma elite corrupta. A compreensão histórica desse modelo também o apresenta em diversas formas, dentre as quais as mais relevantes para este trabalho são: uma que se baseia em um discurso contra essa elite corrupta, responsável pelos problemas nacionais, e outra que se pauta pelo discurso de que o problema, na verdade, vem de uma ameaça externa. Contribuindo com a abordagem do ponto em questão, Guillem Vidal (2016) salienta que as vertentes do populismo se diferem por conta de suas percepções de povo. A primeira vertente analisada o enxerga por uma concepção civil, e por isso abrange uma camada ampla populacional. Já a segunda o faz por meio de uma concepção étnica, e por isso precisa de instrumentos que possibilitem uma reafirmação identitária e aproximação com o governo.

Essas ferramentas proporcionam um jogo de dualidade primordial na formação identitária, visto que, consolidando um inimigo com base na figura do outro se torna fácil fortalecer a figura do semelhante e combater os que não são aliados. Contudo, a separação de figuras é algo que deve ser utilizado com cautela, pois, dependendo do seu manuseio, pode abrir margem para a promoção de intolerância e violência contra as pessoas identificadas como o outro, uma vez que passam a ser vistas como opositoras do “bem comum”, e logo devem ser censuradas ou silenciadas. Em uma democracia, é necessário que perspectivas distintas colaborem para o seu aprimoramento através de um contínuo processo dialético. Sem esta relação, ela pode se degenerar para uma ditadura da maioria.

Aspectos destas vertentes podem ser observadas no nacional-populismo. Entre seus adeptos pode-se encontrar uma ampla e diversificada camada social, porém, por ser uma vertente nacionalista, o mesmo também é um populismo identitário. Com isso, a ampla camada que possui está unida pela retórica principal de recuperação da identidade nacional em todos os âmbitos, seja econômico, político ou social, se opondo veementemente à globalização e ao cosmopolitismo da ordem liberal. Além disso, a sua utilização de instrumentos identitários é voltada para a apropriação de símbolos nacionais, podendo ter por consequência as questões dissertadas, caso aqueles enquadrados na figura do outro forem interpretados como “inimigos da pátria”. Partindo disso, a forma como os seus discursos são abordados podem desencadear problemas.

STEVE BANNON E A ARTICULAÇÃO DO NACIONAL-POPULISMO

Para compreender como essa ideologia conquistou espaço recentemente, também é preciso analisar uma figura interessante: Stephen Bannon, apelidado de Steve, que é um intelectual da extrema-direita e um dos pais do novo populismo político. Ganhou notoriedade quando comandou o Breitbart News, site estadunidense ultraconservador. Durante a campanha presidencial nas eleições estadunidenses, em 2016, foi assessor estratégico de Donald Trump – vencedor da disputa contra a democrata Hillary Clinton. Segundo Paulo Ghiraldelli (2019)², Bannon é um marqueteiro que se especializou em criar plataformas de eleições para a extrema-direita. Vale salientar que ele possui apoio financeiro de grandes empresários, e até mesmo de cineastas.

Após a vitória de Trump, Bannon trabalhou por certos meses no governo, e, posteriormente, fora demitido. Com isso teve tempo para se dedicar ao “*The Movement*”, uma rede de partidos políticos e líderes com o intuito de construir relações e intercambiar ideias. Essa rede é, segundo o próprio Bannon (apud VERDÚ, 2019), “um motor de evangelização”. O grupo realiza workshops, conferências e encontros, objetivando espalhar e cultivar os ideais cristãos, democráticos e ocidentais nas sociedades.

Em outra entrevista cedida ao El País (VERDÚ, 2019), ao falar sobre populismo, disse:

Populismo significa tomar decisão o mais perto das pessoas possível e com a influência das pessoas. Fazer políticas sociais, econômicas ou de segurança nacional, mas sem atender aos interesses da elite [...] Populismo é basicamente garantir que a classe média e a classe trabalhadora terão um lugar à mesa.

Essa declaração, analisada a partir dos pontos apresentados por Eatwell e Goodwin (2018), contribui para o diagnóstico de que as elites da democracia liberal estão afastadas cada vez mais das preocupações das pessoas comuns, e que atualmente há um desajuste na relação política. Entretanto, na mesma entrevista, Bannon revela acreditar que o que estamos vivendo não se resume em uma disputa entre esquerda e direita para conquistar espaços políticos, e sim em uma de nacionalistas e populistas contra globalistas. Partindo disso, ao The New York Times (apud BASSETS, M., VERDÚ, D., 2018), expressou que a única coisa que procura ser é a infraestrutura do movimento populista no mundo, ajudando os partidos de extrema-direita. Explicou também que para expandir as suas ideias, ou comprará um grande meio de comunicação, ou criará um veículo à imagem do Breitbart ou, por fim, se associará e investirá em grupos locais.

Vale pontuar que, embora ressalte a exaltação dos nacionalismos, Bannon propõe um movimento global, o que representa um paradoxo do seu pensamento. O mesmo também acredita que, por conta do cenário de descontentamento e de crises, a história está ao seu lado, e ao dos que ele apoia. Com isso, no início do ano de 2019, por exemplo, os encontros do “*The Movement*” estavam voltados à preparação das eleições do Parlamento da União

2 GHIRALDELLI, Paulo. **De onde vem o dinheiro:** Olavo e Bannon juntos. 2019. Informação verbal. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xdaHQ2RcxZg&t=8s>. Acesso em: 02 de jun. de 2019.

Europeia. O marqueteiro desenhou o quadro político destas eleições e contava com alguns políticos europeus para combater a imigração e a globalização, até mesmo a partir da retirada de alguns países da União Europeia. O resultado, nessas eleições, foi perda de espaço dos partidos de centro tradicionais, enquanto os liberais, os verdes e os de extrema-direita ganharam mais, deixando o parlamento com uma composição sem maioria definida.

Matteo Salvini, na Itália, Viktor Orbán, na Hungria, Marine Le Pen, na França, e Geert Wilders, na Holanda, são alguns dos políticos europeus que o intelectual de extrema-direita se aliou nesse período. Numa visita à Itália, mais especificamente num encontro com os representantes da Liga Norte, disse: “para observar o futuro da Europa, é preciso olhar para o voto italiano. Salvini já disse: o euro não sobreviverá. Tudo está nas mãos dos cidadãos. E a onda populista está só começando” (BASSETS, M., VERDÚ, D., 2018).

Todavia, acrescenta-se que Steve Bannon não atua sozinho em relação à articulação do movimento. A internet tornou-se um veículo de aproximação com as massas, e, de acordo com Carlos Gustavo Poggio (apud CHARLEAUX, 2017), as redes sociais contribuem para o crescimento da extrema-direita. A nova ferramenta é aproveitada por diversos intelectuais e ideólogos que compartilham posicionamentos similares aos valores de Bannon, como por exemplo o brasileiro Olavo de Carvalho. O filósofo serve-se das redes sociais para instruir alunos, abordando questões políticas e outras pautas, assim, contribuindo para disseminar algumas perspectivas e ganhar adeptos. Dessa forma, as visões de ideologias da extrema-direita conseguem se espalhar.

Através dessas perspectivas que a internet oferece, e também por meio do aspecto de evangelização do “*The Movement*”, Steve Bannon se consagra uma figura importante para a articulação e expansão do nacional-populismo. Analisando as motivações e crenças do intelectual, do ponto de vista de Eatwell, Goodwin e Constantino, é possível compreender como os problemas dos quatro “Ds” se tornam razões para consolidar as mobilizações dessa ideologia contra ordem e a democracia liberal ao redor do mundo. Bannon, assim como os que fazem parte da sua rede política, se opõe ao elitismo e ao desalinhamento que tem crescido, da mesma forma como vê o imigrante e as pautas cosmopolitas como ameaças às identidades nacionais, justificando a sua oposição à globalização e outras questões da política *mainstream*.

O RESSURGIMENTO DO NACIONALISMO E A UNIÃO EUROPEIA

A Europa é, junto com os Estados Unidos, uma das regiões em que o nacional-populismo mais possui força e detém certa influência. Por isso, nos países europeus, muitos questionamentos em pauta são referentes à legitimidade e as ações da União Europeia, o que é debatido tanto pelos partidos adeptos da ideologia, quanto por movimentos extremistas que retornaram junto com o nacionalismo.

Arranjos internacionais, como o bloco europeu, são criados por diversas razões, mas a principal delas é evitar guerras e promover estabilidade. A origem da União Europeia remonta à criação da Comunidade Econômica Europeia nos anos 1950, visando formar um mercado comum e estabelecer uma integração entre os países após a Segunda Guerra Mundial.

Já a consolidação do bloco do modo que conhecemos hoje aconteceu oficialmente em 1993, com o Tratado de Maastricht. Dentro de poucos anos os seus países-membros passariam a possuir um sistema aduaneiro que permite a livre circulação de mercadorias e pessoas.

Apesar do êxito do bloco como uma união político-econômica, um exemplo que demonstra a forma como os valores nacionalistas têm impactado a política europeia é o resultado do plebiscito que o Reino Unido realizou sobre a saída do bloco em 2016. Inglaterra e Gales apoiaram a saída, enquanto Escócia e Irlanda do Norte a permanência. Com uma disputa acirrada, a escolha por sair do bloco venceu com 51,9%³ dos votos. As razões para tal derivam do fato de que, com uma contribuição de cerca de milhões de euros⁴, os britânicos não enxergam mais os benefícios da sua permanência. Também existe a percepção de que, saindo, há uma possibilidade de controle maior do fluxo migratório.

Analisando esses motivos, vale ressaltar o pontuado por Eatwell e Goodwin (2018, p. 4-5): os nacionais-populistas questionam a maneira como as elites se tornaram distantes das preocupações dos cidadãos, e questionam também a erosão da soberania do Estado-nação causada por pautas globalizadas. Esses pontos contestados repercutem justamente sobre a existência da União Europeia. Embora cada país seja representado no Parlamento Europeu, os que não se identificam com a arquitetura e política *mainstream* entendem que aqueles que os representam não possuem capacidade para tal. Em consequência, elegem nacionais-populistas que se contrapõem às pautas do cosmopolitismo da ordem liberal que ameaçam seus modos de vida.

Ademais, existe também a questão legislativa do Parlamento. É a partir desse ponto que se torna possível compreender o questionamento a respeito da soberania dos países do bloco, uma vez que ser membro de uma integração política como a União Europeia significa abrir mão de parte da sua soberania. O Parlamento funciona como uma democracia elevada ao nível internacional, e dessa forma a escolha da maioria é o que se concretiza. Por conta disso, pode acontecer de medidas se estenderem a certos países, mesmo que contra a sua vontade.

Ainda segundo Eatwell e Goodwin (2018, p. 9), para compreender as mudanças de pensamento é necessário entender igualmente que as origens da revolta contra a ordem liberal vêm crescendo por décadas e datam de muito tempo. Isso significa que o ambiente proporcionado pelos quatros “Ds” e seus efeitos está impactando as sociedades a mais tempo do que muitos acreditavam, logo, o ressurgimento do nacionalismo europeu pode ser consequência dessas questões. Não por acaso os nacionais-populistas, assim como os movimentos supremacistas que reaparecem, reclamam maior controle do fluxo migratório e maior capacidade de decisão para seus países. Desse modo, as percepções de que a União Europeia é um problema são as mesmas que impelem os países a ponderarem sobre sua saída do bloco.

De modo semelhante como ocorreu no Reino Unido, a Itália e a França já começaram a questionar se há benefícios em continuar na União Europeia. Uma dessas razões é por-

3 EU Referendum. Results. BBC. Disponível em: https://www.bbc.com/news/politics/eu_referendum/results. Acesso em: 02 de jun. de 2019.

4 UNIÃO EUROPEIA. Reino Unido. Disponível em: https://europa.eu/european-union/about-eu/countries/member-countries/unitedkingdom_pt. Acesso em: 02 de jun. de 2019.

que o bloco passa por uma situação política muito delicada, desde 2014, por conta da crise migratória de refugiados que enfrenta. Além disso, com o início de atentados reivindicados pelo grupo Estado Islâmico a partir de 2015, o receio de existirem infiltrados entre os refugiados se espalhou. Somente naquele ano o número de desembarques ultrapassou 1 milhão de pessoas. Com isso os líderes europeus se depararam em uma encruzilhada na qual a preocupação com a administração da crise dos refugiados, e a volta do terrorismo, se choca mais uma vez com a soberania dos países, resultando em descontentamentos contra os valores do próprio bloco.

Salvini e Le Pen, como líderes nacionais-populistas em seus países, são acompanhados de perto por Bannon, que vem injetando ânimo nos partidos de extrema-direita. Vale pontuar que seus países passam por momentos complicados e decisivos: a Itália vive uma crise econômica e ainda lida com os refugiados que chegaram nos últimos seis anos, o que traz uma pressão internacional para a mesma. Já a França se recupera dos atentados e a queda da popularidade de Emmanuel Macron. Ainda observando esses cenários, ressalta-se igualmente a situação da Alemanha, na qual há um crescimento ultranacionalista que se considerava impensável. O país é um dos que mais recebe refugiados dentro do bloco, e seu governo possui uma política migratória que deixa claro que os mesmos são bem-vindos. Entretanto, essa atitude tem abalado a figura de Angela Merkel, resultando em perda de força. Os últimos países citados são os bastiões que ainda sustentam o bloco, mas a ascensão de políticos que priorizem o nacionalismo e o unilateralismo pode ser um duro golpe para o arranjo político.

Os pensamentos dos políticos nacionais-populistas desses países sobre a crise dos refugiados são, em parte, influências de obras como *O Campo dos Santos*, de Jean Raspail. Publicada em 1973, a literatura também influenciou Steve Bannon. A obra profere que o Terceiro Mundo invadiria a civilização ocidental, e assim proporcionaria o seu fim. O livro, classificado por muitos como racista e situado no mais íntimo do fascismo de acordo com a revista *Nouvel Observateur* (apud BASSETS, 2017), se tornou uma narrativa anti-imigração. Raspail, no final da obra, ainda fala sobre a “incompatibilidade das raças quando compartilham um mesmo meio ambiente” (BASSETS, 2017).

Além do exposto, há ainda um outro fator a ser considerado: o uso da internet como impulsionador político. No Reino Unido, por exemplo, o Facebook foi utilizado para promover a campanha online a favor da saída do bloco. A jornalista do *The Observer*, Carole Cadwalladr (2018), publicou uma reportagem investigativa que revela como a empresa Cambridge Analytica criou um catálogo ilegal de usuários, a partir de seus perfis, para assegurar que publicidades atingissem da melhor maneira os indivíduos. Contudo, para ela (2019), o modo como essa campanha foi realizada, na verdade, demonstra que o regime democrático está quebrado. Cadwalladr (2019) acredita nisso, pois muitas das informações compartilhadas eram falsas e foram determinantes para o resultado final. Anúncios diziam, por exemplo, que a Turquia entraria para o bloco, possibilitando que refugiados pudessem imigrar para o Reino Unido. Com isso, a justificativa de muitos cidadãos para “votar Brexit” era o receio da perda das identidades locais e do controle sobre sua soberania.

Assim, pode-se observar que a rede social, além de informar, foi um veículo de *fake*

news. Ademais, a campanha Brexit explicitou que o problema de uma campanha ocorrer em uma rede social é que não sobram rastros. Além de não ser possível calcular o impacto dos anúncios e nem quem os criou, também é difícil dizer os meios pelos quais as informações atingiram as pessoas, quanto foi gasto ou a origem desse dinheiro. Dessa forma, há uma falta de transparência, inclusive a respeito dos impactos dessas notícias sobre os indivíduos. No entanto, não podemos interpretar as decisões dessas pessoas como mera manipulação, e sim enxergar que muito do que contestam e acreditam possui um aspecto legítimo e necessário, assim como pode servir de aprendizado. Por conta dos valores nacionais que ascenderam, a União Europeia corre um risco de se fragmentar. Contudo, para evitar tal fim é preciso que a mesma busque uma forma de equilibrar a questão da soberania de seus membros, assim como as pautas humanitárias e econômicas as quais o bloco enfrenta.

DONALD TRUMP E A ALTERAÇÃO DA POLÍTICA ESTADUNIDENSE

Os Estados Unidos, em 2008, enfrentaram uma crise de especulação imobiliária gerada pelo endividamento dos bancos, o que desencadeou um efeito dominó que se espalhou por todo o sistema econômico e mercado financeiro do país. O Lehman Brothers, ao falir, dificultou uma série de outros bancos estadunidenses. Como consequência, o país passou a enfrentar diversas questões relacionadas à quebra de bancos tradicionais de investimentos, o que gerou o aumento do desemprego e a queda na produção. Não tardou para que essa crise se alastrasse para outras regiões do globo e se consagrasse uma crise dos mercados estáveis. As Bolsas de Valores do mundo despencaram, fazendo os resultados de meses de instabilidade no mercado serem agravados em muitos países.

Pouco após esse acontecimento marcante na economia global, Barack Obama se tornou presidente dos Estados Unidos, governando de 2009 a 2017. Durante seu governo, dentre tantas ações, combateu a recessão deixada pela crise e o desemprego, assim como fez uma reforma na área da saúde. Todavia, ao fim do seu mandato deixou para o seu sucessor uma renda em queda - a renda média anual, antes da crise de 2008, era de 57,3 mil dólares e, em 2014, o valor reduziu para 53,7 mil. Contudo, as eleições de 2016 seriam diferentes das demais, e uma celebridade milionária ganharia a corrida para a Casa Branca.

Segundo Luis Miguel da Vinha (2018)⁵, a vitória do candidato republicano Donald Trump tomou o mundo de surpresa. O resultado contrariou a maioria das pesquisas de opinião. Entretanto, é indubitável que o candidato venceu ao conquistar o voto dos trabalhadores que se viam prejudicados pela desindustrialização, tanto das regiões rurais, quanto de pequenas cidades como Michigan, Pensilvânia e Wisconsin (estas eram consideradas democratas, mas preferiram o candidato republicano). As promessas de Trump podem explicar o porquê do mesmo vencer a disputa, uma vez que solucionariam as preocupações que o americano médio tinha. Entre elas destacam-se: trazer os empregos na indústria de volta, construir um muro na fronteira com o México, deportar imigrantes perigosos e ilegais, estabelecer barreiras aos muçulmanos, renegociar tratados comerciais, cortar impostos, comba-

5 VINHA, Luis Miguel da. A vitória eleitoral de Donald Trump: uma análise de disfunção institucional. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, v. 26, n. 66, p. 7-30, jun. de 2018.

ter o Estado Islâmico e a corrupção.

O uso da internet também foi um otimizador político nessa eleição. Por isso, a articulação online foi fundamental para o marketing político, e ambos os candidatos souberam usar a ferramenta. Ressalta-se que eles não somente se engajaram na disputa online, como pessoas comuns também, procurando divulgar seus candidatos. Entretanto, a capacidade de espalhar desinformação foi igualmente um problema. Durante as eleições, as notícias falsas espalhadas com o intuito de desacreditar a imagem de Hillary Clinton ganharam uma grande proporção, o que favoreceu a chance de vitória do seu adversário.

Diante dos cenários aqui dissertados, o economista político Francis Fukuyama (2016) analisou como a ascensão do ultraconservadorismo está transformando a política *mainstream* ocidental, isso cerca de três décadas após escrever *O Fim da História?* e afirmar que a democracia liberal e os valores eram vencedores da disputa política. Assim, em artigo sobre a ascensão de Trump nos Estados Unidos (2016), afirmou:

A espantosa vitória eleitoral de Donald Trump sobre Hillary Clinton marca um momento decisivo não só para a política dos EUA mas para toda a ordem mundial. Parecemos estar ingressando em uma nova era de nacionalismo populista, na qual a ordem liberal dominante construída dos anos 50 em diante passa a sofrer ataque da parte de maiorias democráticas raivosas e energizadas.

Muitos dos discursos de Trump divergem da ordem pensada por Fukuyama para o pós-Guerra Fria. Os *slogans* de campanha, “*Make America Great Again*” e “*America First*”, são baseados em ideais nacionalistas, e, assim, desde a campanha eleitoral já rejeitavam valores como o multilateralismo e o cosmopolitismo, podendo ser analisados como premissas para o futuro da Política Externa Estadunidense. Trump ainda se envolveria em polêmicas que, em seu íntimo, retomam linhas de pensamento que dialogam com o nacional-populismo.

Ao falar sobre o México, por exemplo, afirmou que os mexicanos quando entram no país trazem consigo “seus” problemas: drogas e crimes. Pautado nessas justificativas, conseguiu apoio para construir o muro na fronteira. Em outro momento, com o intuito de assinar leis pró-armas, se baseou no atentado de Paris, afirmando que “se as pessoas pudessem portar armas de fogo no França, a situação teria sido diferente” (SANDOVAL, 2015). Outra abordagem base da sua linha de atuação tem a ver com o aquecimento global. Afirmou que o conceito fora criado por e para os chineses, objetivando a falência da indústria estadunidense e ganhar espaço como potência. Esse episódio específico, tendo como exemplo, é um dos fatores que ajudam na compreensão da medida tomada pelos Estados Unidos em se retirar do Acordo de Paris sobre o clima, de 2015. Amplas camadas populacionais se identificam com esses discursos, mas muitos discordam da postura do presidente estadunidense.

Em contraposição, é necessário ressaltar que, com o intuito de frear a expansão do ultraconservadorismo pelos Estados Unidos, o democrata Bernie Sanders e o ex-ministro grego Yanis Varoufakis, criaram o chamado “*Green New Deal*”, promovendo a Internacional Progressista, uma plataforma para dar respostas às elites que criaram o sistema econômico

cada vez mais desigual do neoliberalismo econômico, e promover uma alternativa aos movimentos populistas conservadores. A prefeita de Barcelona, Ada Colau (apud MARS, 2019), afirmou:

Vimos por um lado minorias privilegiadas que estão se bunkerizando para manter seus privilégios, e uma extrema direita que cresce com esse sotaque populista, mas também com um pano de fundo muito establishment, que tem muito dinheiro por trás e está se coordenando em nível internacional, compartilhando estratégias. Se a extrema direita se organiza, não é possível que os movimentos sociais de mudança não o façam.

Outros movimentos também surgiram no país, com o intuito de combater essas questões, como o *Brand New Congress* e o *Justice Democrats*. Os dois propõem convocar a população para ocupar o Congresso, já que, na visão deles, os atuais congressistas fazem parte desse elitismo distanciado, e, logo, não pleiteiam as causas populares, das pessoas que supostamente representam. Atualmente, até mesmo o Partido Democrata carece de lideranças que representem as classes populares de uma maneira mais profunda, não se afastando dessas bases. Assim sendo, é necessário, para essas organizações, eleger pessoas como Alexandria Ocasio-Cortez, uma ex-bartender que, aos 29 anos, se tornou a mais jovem congressista devido às bandeiras que adota, e que demonstram que não é parte dessa elite interessada em suas próprias preocupações.

Trump já demonstrou não simpatizar com esse movimento. Através de sua conta no Twitter, com mensagens consideradas preconceituosas (2019)⁶, atacou as congressistas Ocasio-Cortez, Ilhan Omar, Rashida Tlaib e Ayanna Pressley, pedindo que retornassem aos seus países de origem, apesar de possuírem a nacionalidade norte-americana. Conforme aqui apresentado, é possível notar que com a eleição de Donald Trump em 2016, a política estadunidense adquiriu uma caracterização ultraconservadora e nacionalista, perceptível através dos *slogans* como o “*America First*”, que, conseqüentemente, exclui o diferente e o multilateralismo. Esses *slogans*, contudo, contrastam com a história dos Estados Unidos, que é uma nação construída por imigrantes. As eleições de 2020 mostrarão o *feedback* destas novas mudanças, e se as atuais posturas são validadas pelos cidadãos ou não.

A ASCENSÃO DA NOVA POLÍTICA BRASILEIRA

Em 2018, os brasileiros elegeram o candidato Jair Messias Bolsonaro, do Partido Social Liberal, à presidência. Ele venceu o 2º turno contra Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores, com 55% dos votos. O atual chefe de Estado brasileiro é um capitão reforma-

6 TRUMP, Donald. “So interesting to see “Progressive” Democrat Congresswomen, who originally came from countries whose governments are a complete and total catastrophe, the worst, most corrupt and inept anywhere in the world (if they even have a functioning government at all), now loudly.....” 14 de jul de 2019. **Twitter:** @realDonaldTrump. Disponível em: <https://twitter.com/realDonaldTrump/status/1150381394234941448>. Acesso em: 14 de jul. de 2019.

do do Exército e sua vitória se deu devido a diversos fatores, e dentre eles está o que Timothy J. Power (apud PASSARINHO, 2018) abordou como mudanças relacionadas ao costume e ao social. Com isso, aqueles que não simpatizavam com essas mudanças se identificaram com alguns posicionamentos do candidato. Ademais, segundo Power (apud PASSARINHO, 2018), o cenário era perfeito para a eleição do mesmo desde 2016: crise econômica, crise política (principalmente após o impeachment de Dilma Rousseff), crise de corrupção e da segurança pública.

A maneira como a internet foi manuseada na campanha eleitoral é de igual relevância nessa questão. A agência espanhola Enviawhatsapps afirmou ter sido paga por disparos de notícias falsas ou tendenciosas, assim como notícias pró-Bolsonaro, no aplicativo WhatsApp. Segundo o dono da agência, Luis Novoa (apud PARANHOS, 2019), diversas empresas brasileiras compraram seu software com essa finalidade. Entretanto, mesmo sendo uma ação ilegal no período da eleição, quando a Folha de S. Paulo relatou esse financiamento por empresas de disparo de mensagens, muitos não se importaram com as denúncias.

Ainda durante a campanha, o então candidato Jair Bolsonaro foi aconselhado pelo o ex-assessor estratégico de Trump, Steve Bannon, sobre a linha que deveria seguir caso quisesse ganhar a eleição. Por conta dessa aproximação, se estabeleceu uma afinidade maior do candidato com o intelectual, e consequentemente com algumas ideias do nacional-populismo. Eduardo Bolsonaro ao se encontrar com o marqueteiro em Nova Iorque, em agosto daquele ano, afirmou que Bannon e seu pai possuem a mesma visão de mundo, principalmente em relação ao marxismo cultural.

Com um discurso que apresentava uma nova política não-ideológica e o combate à corrupção, os brasileiros, cansados da realidade política do Brasil, viram no candidato do PSL uma chance de transformação. Mas apesar de aparentar ser um *outsider*, Bolsonaro está desde 1989 envolvido no âmbito político, fora vereador e posteriormente deputado federal. Um outro fator que também contribuiu à sua vitória foi o desgaste e o descrédito dos governantes anteriores, após escândalos de corrupção. Surgiu-se, então, a necessidade de uma figura nova, que não estivesse envolvido com a jogatina política – e Bolsonaro se encaixou à exigência.

Entretanto, é preciso analisar os seus discursos, pois alguns destes colidem com fundamentos da democracia, como os direitos humanos. O mesmo já afirmou, por exemplo, ser favorável à tortura, associando o coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, reconhecido pela Justiça como torturador durante a Ditadura Militar (1964-1985), à figura de herói nacional. Teorias das Relações Internacionais como o Construtivismo, através de Nicholas Onuf, já conseguiram nos demonstrar como um discurso possui a capacidade de impactar as realidades, e algumas abordagens de Bolsonaro relacionadas à religião, aos negros, às mulheres, aos indígenas e, em suma, a algumas minorias, nos exigem cautela. Em um país com alto nível de intolerância, discriminação, crimes contra mulheres e grupos minoritários, além de diversos outros problemas sociais, faz-se necessário que uma linguagem mais assertiva seja utilizada por figuras públicas, para que não sejam fomentados discursos de ódio e ações que afetem a liberdade dos indivíduos.

Ademais, por conta da ascensão do conservadorismo, a política brasileira passa por

mudanças que se estendem até mesmo à Política Externa, resultando em um alinhamento com os Estados Unidos devido às aproximações de ideais. Um exemplo que simboliza esse envolvimento é a escolha do embaixador Ernesto Araújo para ministro das Relações Exteriores, que segue linhas de pensamento similares às do governo de Trump.

Entretanto, a Política Externa Brasileira foi marcada durante anos por uma diversificação em suas relações, sem priorizar um país em específico, e sem tomar em consideração a política de cada nação. A nova orientação que emergiu, apesar de negar possuir uma ideologia, procura dialogar com países em que líderes nacionais-populistas estão no poder, o que pode colocar em xeque as características anteriormente marcantes na conduta internacional brasileira. Assim, conforme afirmou o embaixador Rubens Ricupero (apud BRANDÃO, 2019), em uma entrevista à Rádio França Internacional, apesar do papel de moderação desempenhado pelos militares, o governo vem confirmando algumas expectativas negativas, afetando a imagem do País.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dissertado neste trabalho, a democracia é um regime de governo que está em constante adaptação, e este século já traz para a mesma uma nova perspectiva através das inovações tecnológicas e das mudanças sociais. As maneiras de se relacionar e se comunicar trazem novidades também na forma de se fazer política, que são exploradas por muitos, assim como pelo nacional-populismo. Com a justificativa de representar o povo e combater o elitismo corrupto, essa ideologia ganhou legitimidade entre os desacreditados. Contudo, algumas questões apresentadas contrastam com aspectos da política liberal, e até mesmo com direitos fundamentais da ordem democrática vigente, como pontos dos direitos humanos.

Dessa maneira, é visível que o nacional-populismo se demonstra uma alternativa pouco tolerante a algumas pautas. Portanto, é necessária a viabilização de uma reforma que se inicie de dentro para fora, partindo da procura de soluções para os problemas oriundos dos quatros “Ds”, caso a política *mainstream* não queira que o nacional-populismo e a revolta contra a ordem liberal modifiquem o regime à sua maneira. Certamente, a reformulação do regime político liberal e de suas instituições, da maneira a qual operam proporcionará um funcionamento aperfeiçoado, adaptando-se às novas perspectivas do século XXI.

Assim sendo, a democracia e a ordem liberal necessitam de uma arquitetura que possa abranger as pessoas que se encontram no “*pool of potential*”, como igualmente precisam se tornar efetivamente representativas, para que todos consigam encontrar identificação dentro de sua estrutura. De modo semelhante, as instituições e organizações, assim como as elites, precisam se aproximar da realidade social das pessoas mais simples, encerrando o descolamento relacionado às realidades das outras classes, assim como para que o descrédito que mobiliza o descontentamento contra os mesmos possa terminar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSETS, M. O escritor que inspira Marine Le Pen e Steve Bannon. **El País**, 9 de abr. de 2017. Cultura. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/08/cultura/1491668924_797110.html. Acesso em 02 de jun. de 2019.

BASSETS, M., VERDÚ, D. Ideólogo do trumpismo desembarca na Europa: “A história está do nosso lado”. **El País**, 10 de mar. de 2018. Internacional. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/10/internacional/1520705132_629341.html. Acesso em: 02 de jun. de 2019.

BRANDÃO, A. Política externa nos 100 primeiros dias de Bolsonaro provoca danos à imagem do Brasil, dizem analistas. **Opera Mundi**, 10 de abr. de 2019. Diplomacia. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/diplomacia/57885/politica-externa-nos-100-primeiros-dias-de-bolsonaro-provoca-danos-a-imagem-do-brasil-dizem-analistas>. Acesso em: 02 de jun de 2019.

CADWALLADR, Carole. Exposing Cambridge Analytica: ‘It’s been exhausting, exhilarating, and slightly terrifying.’ **The Guardian**, 29 de set. de 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/membership/2018/sep/29/cambridge-analytica-cadwalladr-observer-facebook-zuckerberg-wylie>. Acesso em: 02 de jun. de 2019.

CADWALLADR, Carole. **Facebook’s role in Brexit – and the threat to democracy**. 2019. Palestra TED Talks. Disponível em: https://www.ted.com/talks/carole_cadwalladr_facebook_s_role_in_brexit_and_the_threat_to_democracy. Acesso em: 02 de jun. de 2019.

CHARLEAUX, João Paulo. Por que a extrema direita cresce no mundo, segundo este estudo. **NEXO**, 19 de set. de 2017. Entrevista. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/09/29/Por-que-a-extrema-direita-cresce-no-mundo-segundo-este-estudo>. Acesso em: 02 de jun. de 2019.

CONSTANTINO, R. O nacional-populismo veio para ficar. **Gazeta do Povo**, maio 2019. Resenha. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/resenhas/o-nacional-populismo-veio-para-ficar/>. Acesso em: 02 de jun. de 2019.

CRAVO, Adriana. Afinal, o que é Populismo? **Politize!**, 2017. Disponível em: <https://www.politize.com.br/populismo-o-que-e/>. Acesso em: 02 de jun. de 2019.

EATWELL, R.; GOODWIN, M. **National Populism: The Revolt Against Liberal Democracy**. Londres: Pelican Books, 2018.

FUKUYAMA, F. **EUA contra o mundo? A América de Trump e a nova ordem mundial**. Tradu-

ção de: Paulo Miggiacci. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/artigos/eua-contra-o-mundo-a-america-de-trump-e-a-nova-ordem-mundial>. Acesso em: 02 de jun. de 2019.

GHIRALDELLI, Paulo. **De onde vem o dinheiro:** Olavo e Bannon juntos. 2019. Informação verbal. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xdaHQ2RcxZg&t=8s>. Acesso em: 02 de jun. de 2019.

HERNÁNDEZ, E., VIDAL, G. Los partidos anti-elitistas tras la recesión de 2008. **Fundación Alternativas - Zoom Político**, Madrid, n. 30, p. 1-21, dez. de 2016.

MARS, Amanda. Francis Fukuyama: “Nem todos os eleitores de partidos populistas são racistas ou xenófobos”. **El País**, 14 de abr. de 2019. Cultura. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/12/cultura/1555084475_066112.html. Acesso em: 02 de jun. de 2019.

MARS, Amanda. Um ‘New Deal’ contra o populismo. **El País**, 3 de jan. de 2019. Internacional. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/28/internacional/1546017525_575923.html. Acesso em: 02 de jun. de 2019.

MONICA, E. F. **Entre Direitos Fundamentais e Democracia:** Superando a dicotomia no direito brasileiro. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2016.

MUDDE, Cas, e KALTWASSER, Cristóbal Rovira. **Populism: A Very Short Introduction**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2017.

PARANHOS, T. Espanhol diz que foi contratado para disparar mensagens pró-Bolsonaro. **Metrópoles**, 18 de jun. de 2019. Política. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/politica-br/espanhol-diz-que-foi-contratado-para-disparar-mensagens-pro-bolsonaro>. Acesso em: 20 de ago. de 2019.

PASSARINHO, N. O que prevê para o Brasil o professor de Oxford que enxergou força política de Bolsonaro já em 2016. **BBC News**, Londres, 2 de nov. de 2018. Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46074179>. Acesso em: 02 de jun. de 2019.

SANDOVAL, P. Trump aproveita atentados em Paris para defender armas de fogo. **El País**, Los Angeles, 15 de nov. de 2015. Internacional. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/15/internacional/1447564925_973594.html. Acesso em: 02 de jun. de 2019.

SIMAS, Fernanda. Cenário: definição do conceito de populismo é controvertida entre especialistas. **Estadão**, 18 de set. de 2016. Internacional. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,cenario-definicao-do-conceito-de-populism-o-e-controvertida-entre-especialistas,10000076941>. Acesso em: 02 jun. de 2019.

VERDÚ, Daniel. Steve Bannon: “Bolsonaro e Salvini são os melhores representantes do movimento nacional-populista”. **El País**, Roma, 25 de mar. de 2019. Internacional. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/24/internacional/1553454729_290547.html. Acesso em: 02 de jun. de 2019.

VINHA, Luis Miguel da. A vitória eleitoral de Donald Trump: uma análise de disfunção institucional. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 26, n. 66, p. 7-30, jun. de 2018.